ESPAÇO DE DIÁLOGO XIII - PAISAGEM E CULTURA

ÍNDICE

- **OS CAVALEIROS DO MAR** 2
- **DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E PAISAGEM CULTURAL NO VALE DO RIO DO TRÊS FORQUILHAS** 5
- **O ENFOQUE GEOGRÁFICO DO MAPEAMENTO ARQUEOLÓGICO DE PELOTAS E REGIÃO:** 7
- **CULTURA TRADICIONAL LOCAL, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO.** 9
- **A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE SANTO CRISTO-RS: A CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES ALEMÃES** 11
- **CHE GUEVARA E A CIDADE DE VALLEGRANDE – AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS E A CONSTRUÇÃO DO MITO NO IMAGINÁRIO POPULAR** 13
- **O POTENCIAL TURÍSTICO DE CAÇAPAVA DO SUL: UM ESTUDO PRELIMINAR** 15
- **VILA EVANGELISTA X VIA GÊNOVA,QUEM VAI GANHAR?** 17
- **ROUSSEAU E A GEOGRAFIA DOS "DEVANEIOS"** 19

OS CAVALEIROS DO MAR

POR ALEXANDRO RAFAEL AMARO[1]

Este artigo tem como tema central o gaúcho do século XXI, e como em um mundo globalizado, na era da internet, do pós-moderno o Gaúcho, representante de um povo que ainda valoriza a vida simples, que ama seu cavalo, seu pampa, glorifica as batalhas de seus antepassados, que cultiva com apego sua cultura, da erva mate, o fogo de chão e o churrasco e sua vestimenta típica. Nesta luta contínua para preservação de um modo de vida, temos no Rio Grande do Sul a expressão máxima deste sentimento que ainda arde no coração dos gaúchos, como as fogueiras dos galpões de todos os pampas.

A maior expressão deste movimento é sem dúvida, a Cavalgada do mar que ocorre durante o verão, no mês de fevereiro, no litoral norte do Rio Grande do Sul, e que todos os anos atrai mais e mais gaúchos, que aumentam as fileiras e os rastros deixados nas areias das praias. 'Gaúchos de todas as querências', como diz o Sr. Antonio Fagundes. Tendo no ano de 2004 em sua XX edição contado com a participação de mais de 2000 cavalarianos.

O objetivo deste trabalho é relatar tudo o que ocorre durante uma cavalgada tendo assim um registro fotográfico e escrito, que venha a fornecer mais informações sobre a cultura do gaúcho moderno, e como ela vem se moldando através dos tempos. Servindo como mais um documento geo-antropológico, que retrate e acrescente mais sobre o gaúcho e como este vem se adaptando ao pós-modernismo.

Com um trabalho de entrevista com os participantes e o acompanhamento da cavalgada do início ao fim, mostrando o preparo para a jornada bem como seus personagens que dela fazem parte. As despedidas dos bons amigos ao término da

[1] Aluno do curso de Geografia da ULBRA 2004. Monitor da cadeira de Geologia na ULBRA. Estagiário na área de educação do DMAE. *Mail: yogurty@hotmail.com*

jornada, que todo ano se encontram ou fazem novas amizades durante a jornada, com as promessas de se reverem novamente no ano seguinte.

"(...) Não posso investigar o pensar dos outros, referindo ao mundo, se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar *pelos* outros nem *para* os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir idéias, mas no poder de produzi-las e de transforma-las na ação e na comunicação".(Freire, 1987 p 101).

A partir do texto de Freire (1927-1991), que mostra que uma pesquisa e um relato são mais coerentes se feito de um modo participativo, com um envolvimento completo com o que está ocorrendo, para poder assim apresentar com uma expressão mais significativa, os valores que fazem dessas pessoas de diferentes regiões se encontrarem e dividirem as emoções de uma jornada que embeleza ainda mais nossas praias durante alguns dias de verão.

Idealizada por Machado, que tem prenomes de João José, em 1985, apaixonado pelo Tradicionalismo, por andar a cavalo e pelos ideais Farroupilhas e principalmente por ser Gaúcho com muito orgulho. Junto com Dom Miguel, nasceu o movimento "Levanta gaúcho".

No encontro dos mais diversos grupos, podemos observar a variedade de identidades que se cruzam e se mesclam durante uma semana e meia que é o período de duração da cavalgada. Identidade *implica uma relação de semelhança ou de igualdade [...]* (Haesbaert, 1999, p. 173). Este sentimento de identidade é de algum modo até exacerbado em alguns casos, em outros ele demonstra uma maior flexibilidade de roupas e comportamento, até o modo de pesar de alguns vem se moldando. A estética dos diversos grupos é uma das formadoras das sociedades dentro do próprio movimento (Elias, 1994, p. 63). O que algumas vezes é geradora de divergências.

[...] a (s) identidade(s) implica (m) uma busca de reconhecimento que se faz frente à alteridade, pois é no encontro ou no embate com o Outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que distingue e que, por isso, pode prover, ao mesmo tempo, o diálogo quanto o conflito com o outro.

Tendo uma estética única de vestimentas e comportamentos os grupos de diferentes partes tem claramente uma identificação visual. (Haesbaert, 1997, p. 175).

A própria ideologia da cavalgada se diverge, mas em um contexto, ela é unânime. O fato de que todo o participante tem a responsabilidade por estar fardado de botas e bombachas representando o Gaúcho, alguns vão pela diversão com os amigos outros vão com a intenção de preservar uma tradição que perdura há anos.

Os cavalos, que como, diz todo o bom e velho gaúcho. "É o melhor amigo do Gaúcho", são de uma grande diversidade raças, assim como os participantes da cavalgada. Há os animais mais tradicionais como os cavalos crioulos, os mestiços, cavalos puros-sangues, ingleses e árabes. Verdadeiras maravilhas da natureza. E pequenas fortunas assim como um bom carro importado. Os cavalos também são artigos de luxos para alguns mais abastados.A diversidade de grupos tem sua principal face nos diversos CTG's, Piquetes e grupos que participam das edições da Cavalgada do Mar. Esta diversidade também será retratada em fotos para mostrar os gaúchos de todas as querências tipos, raças e estilos que participam do evento.

Como Elma Sant'Ana[2] declara em seu livro Os Cavaleiros do Mar 1990 este artigo também tem a função de contribuir para os estudos de nossas tradições e sobre tudo, de nossa gente. Trazendo ao público acadêmico e o grande público em geral informações sobre como, onde e por que o movimento tradicionalista ainda vive.

Referência Bibliográfica

ELIAS, Norbert. **A Sociedade Dos Indivíduos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahara Editor. 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HAESBAERT, R.C. **Dês-territorialização e Identidade: a Rede Gaúcha no Nordeste.** Niterói: EDUF, 1997.

_____. Identidades Territoriais. IN ROSENDHAL, Z & CORREA, R.L. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: ed Da uerj, 1999.

SANTANA, ELMA. **Os Cavaleiros do Mar**. Porto Alegre: Ed. Do Autor, 1990.

[2] Geografa, pós-graduada em Ecologia Humana e em Folclore.

DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E PAISAGEM CULTURAL NO VALE DO RIO DO TRÊS FORQUILHAS

CAMILA XAVIER NUNES[3]
ÁLVARO LUIZ HEIDRICH[4]

A área de estudo do presente trabalho situa-se no Vale do Rio Três Forquilhas devido à recente construção da RS -486 que liga Aratinga à Terra da Areia e à BR - 101. Este Vale é constituído pelos municípios de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas, sendo o objetivo do trabalho traçar um perfil sócio-econômico e cultural e estudar o impacto na estrutura socioeconômica e na paisagem cultural, decorrente da construção da Rodovia Rota do Sol .

Pode-se afirmar que atualmente, os municípios do Vale do Três Forquilhas apresentam uma base econômica assentada no setor primário, em que se destacam três formas de uso da terra: *a)* pequenos e médios estabelecimentos voltados para o cultivo de arroz e a criação de gado, nos terrenos de planície; *b)* pequenos estabelecimentos voltados para a produção de banana, cana-de-açúcar e hortigranjeiros nas áreas de encosta e vales; *c)* grandes e médios estabelecimentos voltados para a pecuária de corte e florestamento em áreas de topo de planalto.

Essa diversidade de atividades econômicas é também fruto da diversidade étnico-cultural, havendo no Vale a presença de luso-brasileiros, alemães, italianos e japoneses.Os luso-brasileiros com forte representatividade entre os criadores de gado e produtores de arroz. Os descendentes de alemães como plantadores de banana, horticultores e também arrozeiros. Semelhante é o caso dos descendentes de italianos.Já os japoneses dedicam-se especialmente a horticultura, sendo representativos na produção de flores tendo se instalado onde hoje é o atual município de Itati.

Outro aspecto importante: é no litoral se encontra a Mata Atlântica, que originalmente seguia toda a costa brasileira, tendo seu ponto extremo no norte do Rio Grande do Sul, na área de Torres a Osório. Sendo que a melhor amostra da

[3] Graduanda em Geografia pela UFRGS e bolsista CNPq.
[4] Professor Dr. do Departamento de Geografia da UFRGS.

Mata Atlântica de nosso Estado encontra-se na área entre os vales de Maquiné e Três Forquilhas.

Todo o contexto histórico desse Vale devido a sua localização que por muito tempo estagnou o escoamento da produção, por seu relevo que propicia problemas relacionados a movimentos de massa, os processos de ocupação, a miscigenação que foi uma das responsáveis pela diversidade étnico-cultural propiciaram um uso diferenciado do solo em comparação a outras regiões do Estado e também entre a própria população do Vale.

O resultado foi à constituição de diferentes paisagens culturais que são o reflexo da combinação de todos os aspectos citados anteriormente. A paisagem é uma marca deixada ao longo do tempo, em um determinado espaço, sendo esse processo dinâmico e contínuo podendo um mesmo espaço apresentar vários tempos diferentes.Partindo do pressuposto que deve haver correspondência entre paisagem e territorialidade é valido investigar como se deu a territorialização dos diferentes grupos étnicos no Vale. Sendo de grande importância investigar também o papel da territorialidade na constituição de diferentes paisagens culturais.

A caracterização destas paisagens será feita a partir de levantamento de fontes bibliográficas ; levantamento estatístico , tabulação e organização de gráficos; levantamento de campo com auxílio de aerofotografias e entrevistas com a população local . Objetiva-se como resultado a elaboração de artigos científicos abordando as relações entre as paisagens culturais e os elementos de territorialidade; um quadro síntese, representativo destas relações, enfocando os aspectos associados às modificações e impactos decorrentes da implantação da rodovia Rota do Sol e por fim mapeamento com enfoque no uso da terra, na paisagem cultural e os elementos de territorialidade associados.

Elemento chave nesse estudo é o papel que a Rota do Sol desempenhará nessas paisagens, as mudanças que poderá ocasionar na vida cotidiana, no fluxo diário com o aumento do escoamento da produção, o aparecimento de especulação imobiliária nos municípios que anteriormente eram pouco valorizados e diversos outros acontecimentos. A observação de todos os elementos envolvidos é primordial para entender como funciona a dinâmica espacial deste Vale, utilizando o território e a paisagem cultural como ferramentas conceituais.

O ENFOQUE GEOGRÁFICO DO MAPEAMENTO ARQUEOLÓGICO DE PELOTAS E REGIÃO[5]:

CARLA INÊS SCHWAICKHARDT[6]

Este artigo relata o projeto de extensão "Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região", desenvolvido junto ao Laboratório de Ensino e Pesquisa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL), do qual a autora desenvolve parte da pesquisa. O projeto busca a integração de aspectos sociais, ambientais e históricos, ultrapassando a segregação imposta pela fragmentação da ciência.

O projeto consiste em um mapeamento arqueológico de Pelotas e região (antigos distritos, hoje emancipados: Capão do Leão, Morro Redondo, Arroio do Padre e Turuçu), com o intuito de construir um banco de dados e registros cartográficos com informações sobre os diferentes tipos de sítios arqueológicos, permitindo estabelecer prioridades para futuras pesquisas. O projeto foi criado para fazer face à massificação e homogeneização cultural resultante do processo de globalização, com o resgate da memória dos diferentes componentes étnicos que ocuparam a região ao longo dos tempos, além de incluir Pelotas em projetos de restauração de patrimônio histórico como o Programa BID/Monumenta. Seu objetivo é identificar, mapear e registrar os sítios arqueológicos localizados na área delimitada, dando visibilidade à diversidade arqueológica (sítios pré-históricos associados às tradições Umbu, Vieira e Guarani, bem como às construções de cerritos e sambaquis; sítios históricos de contato, de refúgios de escravos – quilombos –, de colônias de imigrantes, bem como sítios históricos rurais ou urbanos).

As atividades de campo abrangem toda a diversidade geográfica de Pelotas e municípios vizinhos como a região da Serra dos Tapes (região da "colônia" de

[5] Projeto de extensão do LEPAARQ / UFPEL, sob coordenação do Profº Dr. Fábio V. Cerqueira
[6] Aluna da Licenciatura Plena em Geografia, estagiária voluntária do LEPAARQ.

Pelotas, Morro Redondo, Arroio do Padre e Turuçu), os campos alagadiços dos entornos do município de Pelotas e Capão do Leão, a região da Lagoa dos Patos, além das áreas urbanas.

Analisando o papel da geografia neste projeto, pode-se afirmar que ela permeia todo as etapas do mapeamento, não somente através das representações cartográficas, mas em toda análise geológica e geomorfológica, além da inter-relação entre homem e meio durante séculos.

> "a ação antrópica tem efeitos continuados e cumulativos, graças ao elo de vida adotado pela humanidade. Daí vemos graves problemas de relacionamento entre a atual civilização material e a natureza. Assim, o problema de espaço ganha, nos dias de hoje, uma dimensão que ele não havia obtido jamais antes".
>
> SANTOS (1997: 17)

Algumas Considerações

É preciso se buscar o reconhecimento da geografia, como parte fundamental da interdisciplinaridade como defende Silva (2002):

> "A abertura das portas da Geografia é também a sua valorização no conjunto do currículo, justamente num momento em que é decisiva a contribuição do enfoque para compreensão do mundo."

São projetos de extensão, como estes, que permitem ultrapassar as teorias e a subdivisão da geografia em física e humana, pois o estudo está atingindo o objetivo pelo qual foi estruturado e pelo seu enfoque geográfico, que ultrapassa a racionalidade cartográfica e salienta que:

> "O homem é um ser social, mas que está inserido num conjunto maior no qual ele é uma engrenagem, portanto, não pode e não deve ser visto, compreendido, ou entendido fora desta grande máquina que é a natureza."(MEDEIROS, 2000:126)

Referências

MEDEIROS, R. M. V.; VERDUM, R.(Orgs.). *RIMA – Relatório de Impacto Ambiental*. Porto Alegre: UFRGS, 2002

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: Técnica e Tempo: Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1997

SILVA, A. M. R. Caminhos para o conhecimento do mundo. IN: MEDEIROS, R.M.V.; MENEGOTTO,R.(Orgs.) *Anais XXII Encontro Estadual de Geografia*. Rio Grande: FURG, 2002.

CULTURA TRADICIONAL LOCAL, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO.[7]

CARLA REGINA WEBER[8]

O estudo da cultura parte do pressuposto de que os seres humanos se fixam em um determinado espaço físico territorial, onde se organizam em sociedades, utilizando-se dos recursos disponíveis no local, de forma a atender suas necessidades de sobrevivência. Em um mundo globalizado, onde os bens e informações circulam de forma cada vez mais rápida e intensa, os meios de comunicação contribuem para divulgar produtos e informações de todas as partes do mundo, para todos os lugares, possibilitando novas formas de organização social, compostas de elementos oriundos de várias sociedades. Desta forma, o presente estudo pretende investigar em que medida os meios de comunicação em massa contribuem para que os indivíduos da comunidade rural da Colônia Osório, na zona rural do Município de Pelotas adotem novas atitudes frente a determinadas necessidades como: consumir produtos divulgados pela mídia, quando os mesmos podem ser encontrados na propriedade. Para a efetivação do trabalho, foram realizadas entrevistas com pessoas de classe média à baixa, entre eles: agricultores, pedreiros, domésticas e donas de casa. Estas pessoas habitam pequenas propriedades onde cultivam produtos agrícolas para o consumo próprio e para a comercialização de excedentes entre os moradores da comunidade e a cidade. As entrevistas buscaram compreender quais os veículos de comunicação utilizados na obtenção de informações e qual a programação cultural preferida dos entrevistados. Também foram levantados quais os produtos mais consumidos pela comunidade e se estes vem sendo utilizados por influência dos meios de comunicação ou não. A compreensão dos dados das entrevistas mostrou que a

[7] Artigo referente a temática abordada na Monografia de Conclusão de Curso, 2003.
[8] Aluna do Curso de Pós Graduação em Geografia – Metodologia do Ensino da Geografia.

grande parte dos entrevistados praticamente não lê jornal, tendo a televisão e o rádio, principalmente as emissoras AM's, como divulgadoras de informações. No entanto, a influência destes veículos não se manifesta de forma intensa. O hábito do consumo de produtos externos ao ambiente se faz muito mais presente entre as famílias em que um dos componentes mantém maior contato com o núcleo urbano do município. Foi constatado claramente que em uma família na qual o chefe freqüenta a cidade com certa regularidade, existe um consumo considerável de produtos industrializados, enquanto as demais produzem seus próprios insumos e tem por hábito a troca de excedentes.

REFERENCIAS

CNCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos, conflitos multiculturais da globalização.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural.* 2 ed. Florianópolis: EDUFSC, 2001.
FILHO, Marcondes. *Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 1992.
GUARESCH, Pedrinho. *Comunicação e Controle Social.* 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE SANTO CRISTO-RS: A CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES ALEMÃES[9]

CIRCE INÊS DIETZ[10];
ALINE BEATRIZ STOCK; BRUNO FREITAS DA SILVA; HELENA BRUM NETO[11];
RUDINELI DE BAIRROS PIRES[12]; ALINE DE LIMA RODRIGUES[13];
MERI LOURDES BEZZI[14].

Para se entender a organização de determinado espaço geográfico faz-se necessário o estudo e a compreensão de seus aspectos históricos e culturais. No município em estudo, Santo Cristo, esta necessidade é justificada pela sua importância histórica e cultural. São estes aspectos que estruturam e dinamizam este município.

O Brasil teve expressiva participação européia na sua colonização. Os europeus fixaram-se no litoral brasileiro e depois passaram a ocupar o "sertão" brasileiro. No Rio Grande do Sul este processo ocorreu de forma similar. Este estado foi colonizado, principalmente por imigrantes alemães que inicialmente haviam estabelecido-se nos vales dos rios dos Sinos e Taquari, área essa denominada pelos imigrantes de "Colônias Velhas".

Posteriormente, os imigrantes passaram a ocupar as terras na porção mais setentrional do estado, principalmente no Vale do Rio Ijuí e Região do Alto Uruguai, da qual Santo Cristo é integrante. Esta fase, conforme discorre Brum (1987), teve início em 1890, com a fundação da Colônia Ijuí, e avançou rapidamente: Guarani das Missões (também em 1890), Panambi (1899), Erechim (1908), Santa Rosa (1915), (...).

[9] Parte integrante da pesquisa financiada pelo CNPq
[10] Autora/bolsista PIBIC/CNPq/ acadêmica do curso de Geografia/CCNE/UFSM
[11] Co-autores/Acadêmicos do Curso de Geografia/CCNE/UFSM
[12] CO-autor/Mestrando em Geomática/CCR/UFSM
[13] Co-autora/ Mestranda em Geografia/CCNE/UFSM
[14] Orientadora/ professora Doutora/Departamento de Geociências/CCNE/UFSM

Este trabalho teve como objetivo destacar e analisar as variáveis históricas e culturais responsáveis pela organização espacial, principalmente no que se refere ao espaço agrário de Santo Cristo.

Metodologicamente estruturou-se o trabalho em etapas. A primeira fase constituiu-se de uma revisão bibliográfica; a segunda etapa baseou-se na consulta de fontes primárias através da entrevistas realizadas aos informantes qualificados do município. Enfatiza-se que esta pesquisa partiu de uma amostragem de pequenos proprietários. Além dos recursos já assinalados, utilizou-se de fontes secundárias como INCRA, IBGE e FEE.

Como considerações parciais, infere-se que é expressiva a contribuição da etnia alemã no município de Santo Cristo no que se refere aos diversos aspectos de sua organização espacial. Estes imigrantes e descendentes de imigrantes imprimiram no município características culturais muito expressivas, além de ter influenciado na agricultura e economia municipais. Neste sentido, destaca-se a presença de imigrantes alemães como determinante na estrutura fundiária baseada em pequenas propriedades, na produção agrícola através do sistema de policultura e na opção pela agricultura familiar, na qual tem-se a participação de todos os membros da família no sistema produtivo. Além dos aspectos econômicos, é marcante a preservação dos aspectos culturais, como é o caso da culinária, festas típicas, a religiosidade e a língua manifestada através do dialeto. Este fato demonstra a valorização das raízes históricas a qual é responsável pela expressividade que a cultura alemã tem no município.

Bibliografia

BRUM, A. J. **Modernização da Agricultura** – Trigo e Soja. Petrópolis: Vozes, 1988. 200 p.

LAMARCHE, H. **Agricultura Familiar**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 336p.

MARTINS, J. de S. “Os Camponeses e a Política no Brasil”, in **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes,1981. p.21 – 80

PHILIPPSEN, A. & WALLAU, R. de. **Naqueles Tempos…** Santa Rosa: Coli, 2001.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e Industrialização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. 205p.

_____. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 254p.

WAIBEL. L. “Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil”, in **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 1979. p. 225-277.

CHE GUEVARA E A CIDADE DE VALLEGRANDE – AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS E A CONSTRUÇÃO DO MITO NO IMAGINÁRIO POPULAR

AUTOR: MARCELO ARGENTA CÂMARA[15];ORIENTADOR: ÁLVARO LUIZ HEIDRICH[16]

O personagem histórico Ernesto “Che” Guevara é, reconhecidamente, um mito capaz de despertar as mais inflamadas paixões em seus admiradores. Sua passagem pela Bolívia em 1967, quando foi assassinado pelo exército boliviano, insere seu nome na história do país, ainda que sua presença por ali tenha sido breve.

Em alguns lugares, em especial aqueles onde ocorreram passagens marcantes referentes a esse período histórico, esse personagem adquire um status de mito que passa a influenciar a compreensão que os próprios cidadãos fazem sobre si e sobre o lugar em que vivem.

Vallegrande, cidade do Departamento de Santa Cruz e capital da província de mesmo nome, é o lugar onde o corpo de Che Guevara foi apresentado a imprensa após sua captura e morte. Pois ali é possível identificar hoje um crescente processo de construção de uma representação coletiva que poderíamos denominar de “guevarista”, onde a figura do guerrilheiro passa a influenciar de forma incisiva o imaginário local.

Animados pela possibilidade da atração de fluxos turísticos a essa região isolada do território boliviano, os vallegrandinos associam crescentemente a figura de Che Guevara ao imaginário local, seja por elementos urbano-paisagísticos (criação de locais para visitação, grafites e murais pintados nas vias urbanas), seja por elementos culturais coletivos, com a adoção de valores ligados à figura do personagem, e, por fim, inclusive sua transformação em mito religioso.

[15] Aluno do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciado em Geografia pela UFRGS.
[16] Doutor em geografia Humana pela USP. Professor titular do Departamento de Geografia da UFRGS.

Tal processo não pode ser analisado sem que consideremos o contexto vivido. A caracterização do modo de vida, e dos aspectos naturais da região, é importante para, de alguma forma, relacionarmos como um personagem tradicionalmente ligado aos movimentos da esquerda internacional, ganha abrangência nessa região pobre e excluída das grandes redes econômicas e informacionais.

Nossa interpretação é de que uma conjunção de fatores econômicos, culturais e físicos, tanto no sentido local (Vallegrande) quanto regional (Bolívia), permite a construção dessa representação coletiva *guevarista* observada em Vallegrande.

Nossa proposta nesse espaço de diálogo é analisarmos esse processo, tentando identificar causas e conseqüências, à luz de bibliografia concernente aos temas da Geografia Cultural e das representações coletivas.

O POTENCIAL TURÍSTICO DE CAÇAPAVA DO SUL: UM ESTUDO PRELIMINAR

ROGÉRIO MARQUES SILVA[17], JOSÉ RENATO ROCHA[18], VERA MIORIN[19]

Localizada na região sudoeste do Rio Grande do Sul, na Campanha gaúcha, Caçapava do Sul , constitui-se em um dos principais pontos turísticos do estado, o qual poderá ser ampliado.

No trabalho preliminar objetivou-se o reconhecimento das formas de turismo possíveis e a divulgação do potencial turístico de Caçapava do sul, como uma alternativa que venha a contribuir para a dinamização da economia local, no que diz respeito ao seu desenvolvimento social, uma vez que a atividade turística gera empregos diretos quanto indiretos.

Nesta faze inicial fez-se o uso de bibliografias na revisão do potencial existente e observação in “loco” que contribuíram para o reconhecimento de formas distintas de turismo que poderão ser explorados, podendo ser citados :

Turismo Histórico – Caçapava do Sul, possui grande representatividade na história da formação do rio Grande do Sul.Tendo sido a Capital Farroupilha durante a Guerra dos Farrapos, Caçapava do Sul guarda importante acervo histórico em sua arquitetura. Prédios históricos, como a Casa dos Ministérios e a residência onde teria nascido Borges de Medeiros. Eles representam alguns dos pontos turísticos que registram os tempos passados de um Rio Grande ainda em formação.

Turismo Científico - Estando situada numa região geomorfológica denominada de Escudo Cristalino, Caçapava do Sul se constitui em um ponto de referência para estudos geológicos e geomorfológicos. A sua rica composição litológica, oriunda de sucessivos eventos tectônicos ao longo dos tempos e formada por rochas do tipo metamórficas, sedimentares e ígneas permite que boa parte da história do planeta possa ser recontada em seus substratos.

[17] Acadêmico do curso de geografia UFSM
[18] Acadêmico do curso de geografia UFSM
[19] Professora Doutora orientadora do trabalho

Turismo Desportivo – É uma das mais novas tendências do turismo. Caçapava do Sul, possui grande atrativo para este tipo de atividade, dada sua paisagem em alguns pontos exótica, constituída por formações rochosas areníticas esculturadas ao longo dos tempos. Trata-se dos conglomerados areníticos ruiniformes, os quais convidam os turistas a explorá-los, seja através de trilhas ecológicas ou pela prática do montanhismo, onde vários encontros tem ocorrido, inserindo Caçapava do Sul no roteiro dos amantes dessa modalidade desportiva.

Espera-se que através deste estudo preliminar da potencialidade turística de Caçapava do Sul, possa-se dar início ao estudo da viabilização dessas atividades, incrementar e ampliar então de outras maneiras que venham a contribuir na formação de empregos e geração de renda, tão necessárias ao desenvolvimento local.

VILA EVANGELISTA X VIA GÊNOVA,QUEM VAI GANHAR?[20]

ARQ. DRA. ROSA LOCATELI KALIL
ARQ. MSC. ADRIANA GELPI
ARQ. MSC. ANA PAULA WICKERT

Território, sociedade e natureza: novas dinâmicas espaciais?

O norte do Rio Grande do Sul apresenta rica topografia, vegetação natural e rede fluvial que motivaram a ocupação territorial e promoveram a urbanização da região. Esta ação foi realizada, principalmente, pelos imigrantes europeus e seus descendentes, que erigiram um rico patrimônio colonial, localizado nas áreas urbanas e rurais de vários municípios.

Lamentavelmente, o patrimônio não tem sido valorizado como memória e repertório de possíveis estratégias de desenvolvimento através da preservação do ambiente natural e construído, pois em pesquisa sobre a infra-estrutura e patrimônio regional, constatamos o caso de Vila Evangelista: um núcleo constituído e casarões de madeira datados da virada do século, em estado de parcial abandono, e ignorados como conjunto urbano ou cenário real pela comunidade local.
Contrapondo-se a esta potencialidade, pouco distante dali, o poder público municipal construiu réplicas de edifícios singulares da história da arquitetura italiana, com valores questionáveis, pretendendo investir na visitação e no turismo regional.

Neste contexto, e talvez buscando estabelecer novas dinâmicas espaciais com foco local, algumas municipalidades investem em estratégias de sucesso questionável, como a construção de cenários artificiais que pretendem promover o desenvolvimento ou a dinamização do espaço e da região em questão.

Desta forma, o trabalho propõe-se, sobre dados reais, debater o fato de que, em muitos lugares do Brasil, as potencialidades regionais não são conhecidas ou

[20] Universidade de Passo Fundo, Campus I, BR 285, km 171, Bairro São José, CEP 99001-970, Passo Fundo/RS. agelpi@lci.upf.br.

reconhecidas pela comunidade como tal, gerando um processo negativo em relação ao patrimônio e a cultura local, sinônimos, para eles, de atraso e de possíveis entraves a modernização.

ROUSSEAU E A GEOGRAFIA DOS "DEVANEIOS"

ROSA ELENA NOAL[21]
SANDRO DE CASTRO PITANO[22]

Este artigo tem por objetivo resgatar o conteúdo geográfico da obra de Jean-Jacques Rousseau, especificamente nos "Devaneios do caminhante solitário", redigidos na fase final de sua vida. Nesta obra, o autor descreve minuciosamente o espaço em que habitou durante curto período, narrando sentimentalmente seus passeios solitários pelo lago que rodeava a pequena ilha onde morava. Assim como em todas as suas obras, nesta Rousseau demonstra uma profunda identificação do seu ser com a natureza23 , ao mesmo tempo em que aponta o homem como único culpado pela própria infelicidade, por agir contra os princípios naturais da espécie.

Merece destaque o contexto histórico no qual Rousseau escreve seus "Devaneios": a segunda metade do século XVIII representou para a Europa, principalmente para a Inglaterra, o surgimento da industrialização, que pouco mais tarde atingiria também a França e o resto do continente como um todo. O movimento Iluminista, responsável pela transformação política e social que rompeu com o feudalismo e minou o poder da igreja, culminou com a emancipação da classe burguesa, fomentando o desenvolvimento industrial e a continuidade das diferenças sociais entre os homens. Concomitante à expansão industrial, a exploração descontrolada dos recursos naturais desde então adquiriu enormes dimensões, o que já preocupava nosso autor profundamente. O espaço habitado vinha se tornando, paulatinamente, extremamente diverso aquele dos tempos primitivos, tão apreciados por Rousseau. Parece que ele antevia os processos de degradação da natureza pelo homem, reclamando por ela, chamando a atenção ao fato de sermos, enquanto seres vivos, ontologicamente gerados no seio desta mesma natureza que é agredida sem trégua pelo homem.

[21] Doutora em Geografia. Professora do DEGECON/ICH/UFPEL
[22] Mestre em Educação. Professor da 5ª CREA
[23] "Tenho êxtases, arroubos inexprimíveis a ponto de me fundir, por assim dizer, no conjunto dos seres, de me identificar com a natureza inteira."(Rousseau, 1995:95).

Do conjunto dos "devaneios", uma passagem nos despertou em especial a atenção acerca do conteúdo geográfico contido nas narrações de Rousseau. Transcrevemos tal passagem na sua íntegra:

> *"As margens do lago Bienne são mais selvagens e românticas do que as do lago de Genebra, porque nelas os rochedos e os bosques cercam a água mais de perto; mas eles não são menos agradáveis. Se há menor cultivo de campos e de videiras, menor número de cidades e de casas, há também mais verdura natural, maior número de prados, de refúgios sombreados de arvoredos, contrates mais freqüentes e acidentes do terreno mais próximos uns dos outros. Como não há, nessas felizes margens, grandes e cômodas estradas para as carruagens, a região é pouco freqüentada pelos viajantes; mas ela é interessante para contemplativos solitários que gostam de se inebriar à vontade com os encantos da natureza e de recolher-se num silencio apenas perturbado pelo grito das águias, pelo gorjeio entrecortado de alguns pássaros e o rumor das torrentes que caem da montanha. Esse belo e pequeno lago, de formato quase redondo, encerra em seu centro duas pequenas ilhas, uma habitada e cultivada, de mais ou menos meia légua de circunferência, outra menor, deserta e maninha e que será destruída um dia pelos transportes de terra retirada constantemente para reparar os estragos que as vagas e as tempestades provocam na grande. É assim que a substancia do fraco é sempre usada em proveito do poderoso." (Rousseau, 1995: 71)*

Num primeiro momento a análise aponta para o caráter descritivo com o qual Rousseau comenta as paisagens que o cercavam, ao mesmo tempo em que também podem ser observadas as relações que se estabelecem entre os elementos naturais e sociais que compõe o meio geográfico por ele vivenciado. Nesse sentido, percebemos inicialmente a relação que o autor estabelece entre o espaço habitado (urbano) e o espaço natural, demonstrando a sua preferência pelo último: "Como espantar-se, esclarece Rousseau, se amo a natureza?24 Outrossim, ressaltamos que o seu entendimento de uma natureza primitiva que posteriormente é transformada pelo homem, parece ser aprofundado por Marx quando este

[24] ROUSSEAU, J-J. Devaneios do caminhante solitário, p. 125.

estabelece as definições de primeira e segunda natureza. Mais adiante e no mesmo período, Rousseau faz menção a aspectos hidrológicos e geomorfológicos, descrevendo a dinâmica dos processos erosivos atuantes junto as duas ilhas no centro do lago, freqüentemente contemplado por ele.

Por fim, o autor estabelece uma analogia entre o que acontece na natureza onde a lapidação de uma das ilhas, no caso a menor, serve como suporte necessário à manutenção da estrutura da maior, e as relações desiguais que se estabelecem entre os homens em sociedade. A sua preocupação acerca da opressão sofrida pelos pobres e miseráveis é extremamente coerente com a comparação que faz entre os processos erosivos ocorridos nas duas ilhas e as relações de espoliação estabelecidas sobre os fracos em função dos poderosos, em sociedade. Em vista disso, concluímos que a concepção geográfica do texto rousseauniano é identificada pela vinculação do mesmo à incansável busca de explicações acerca da produção do espaço pela sociedade, evidenciando suas desigualdades e contradições. Sabemos que essa explicação cabe epistemologicamente a ciência geográfica, que aborda as transformações no espaço/tempo, levando implícito a constituição de um meio socialmente produzido.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Devaneios do caminhante solitário. Trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: UNB, 1995.
SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1996.